

Negócios

FINANÇAS

05 JUL 1992

Semestre de contradições

■ Regras estáveis na economia não impediram uma sucessão de índices negativos

Cezar Faccioli

O país passou um semestre inteiro sem um pacote, o que não é frequente nos últimos cinco anos. As exportações devem alcançar o seu melhor resultado desde 1988, e o saldo comercial somente não deverá ser maior por causa de um fato positivo, o crescimento das importações, dirigido crescentemente para bens de capital e matérias-primas de oferta oligopolizada, como o cimento, mesmo em um quadro de retração de consumo. O investimento externo está crescendo, e as reservas devem ultrapassar os US\$ 20 bilhões, facilitando o acordo com os credores.

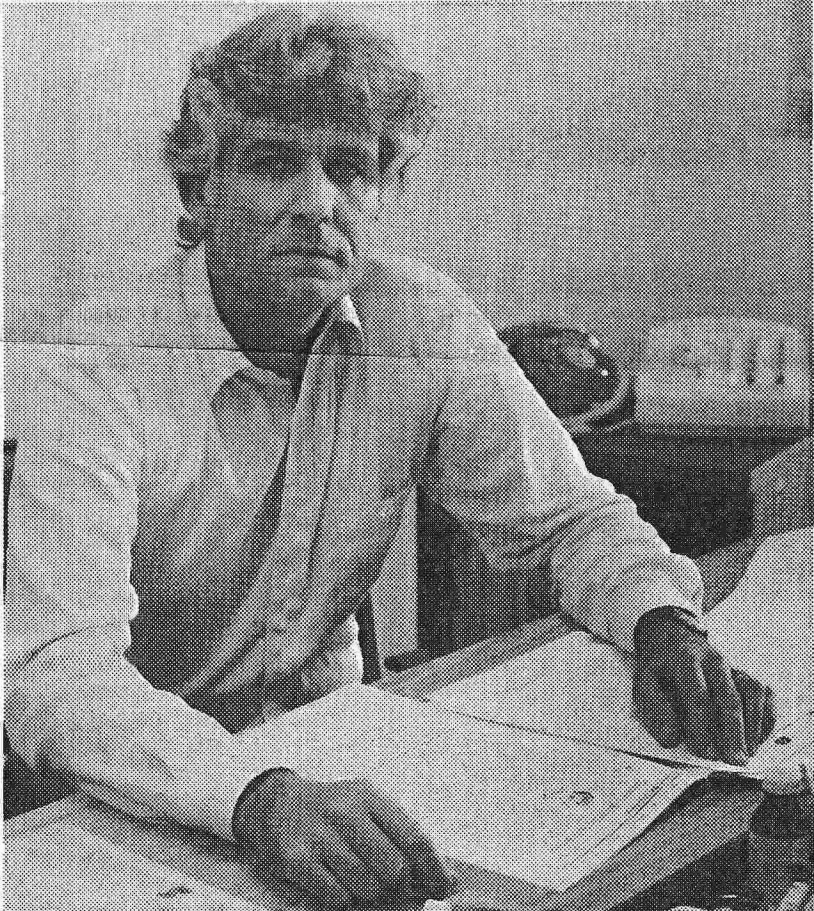
O desemprego superou os piores indicadores da recessão do início da década de 80, com mais de 16% de desempregados na Grande São Paulo, a região mais industrializada do país. O salário mínimo também chegou aos piores níveis desde a sua criação, na década de 40, com uma queda de 50% apenas entre janeiro e maio, e um reajuste inferior ao necessário para o atendimento das necessidades previstas na Constituição. As vendas do comércio se retraíram inclusive para produtos básicos. A indústria fluminense, segunda do país, viveu quedas de 5,31% nas horas trabalhadas e 8,85% nos salários reais, com as vendas crescendo imperceptíveis 0,01% de janeiro a maio e ociosi-

dade de até 60% em setores de ponta, como a construção naval.

Contradições — Por incrível que pareça, esses dados se referem ao mesmo país, num mesmo período de tempo. O Brasil viveu no primeiro semestre sob dois sobressaltos: a explosão inflacionária e o temor de mais um choque, de resultados discutíveis. O principal mérito atribuído pela maior parte dos economistas à equipe do ministro Marcílio Marques Moreira, apontada como reserva de credibilidade do desgastado governo Collor em público por empresários e banqueiros e reservadamente até por sindicalistas, não é tanto o que se fez, mas o que não se fez.

No passado recente, uma equipe de perfil semelhante aplicou a política do *feijão-com-arroz* e cozinhou por algum tempo a inflação em fogo brando. O desfecho, contudo, foram os 84,32% de março de 1990, posse de e a adoção do bloqueio temporário dos ativos financeiros. As diferenças principais, para economistas como José Márcio Camargo e Cláudio Considera e equipes como as dos institutos de economia da UFRJ e da Unicamp, são a existência de regras mais rígidas para os salários e de uma maior consciência sobre a necessidade de dividir o custo da estabilização. A crise política não desanima Considera. "Sem o ajuste fiscal, a política de juros altos e o controle do caixa não sustentarão indefinidamente o combate à inflação."

André Barcinski — 1/6/89



Considera: não há opção até se fazer a reforma fiscal